



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

DEMONSTRAÇÃO CABAL DE FÉ E CONFIANÇA

DISCURSO PROFERIDO NO QUARTEL GENERAL DO II EXÉRCITO, EM SÃO PAULO, A 2 DE OUTUBRO DE 1968, EM AGRADECIMENTO À HOMENAGEM RECEBIDA E DEPOIS DA SAUDAÇÃO DO GENERAL-DE-EXÉRCITO JOSÉ RODRIGUES CARVALHO LISBOA, COMANDANTE DAQUELA GRANDE UNIDADE MILITAR.

É sempre muito confortador para um chefe, que foi convocado pela Pátria para prestar serviços de outra natureza, o convívio com os seus camaradas de armas. Assim, sinto-me imensamente satisfeito em retornar, mesmo que apenas por uns momentos, às minhas queridas origens.

Tudo o que fui e tudo o que sou, devo ao Exército. Desde a educação na juventude e minha formação profissional até aos bons hábitos intelectuais que ele me incutiu; desde a minha modesta, porém honesta, vida privada, até aos mais altos postos hierárquicos e da vida pública, após quase meio século de serviços; desde o respeito, quase sagrado, pelas tradições brasileiras, até o cultivo daquelas qualidades que são o apanágio das Forças Armadas, como a camaradagem, a desambição e o patriotismo acendrado.

Meus camaradas,

Governar um país como o nosso, na difícil quadra histórica, de incertezas, de inquietações e de desconfianças, que toda a Humanidade atravessa, é um desafio gigantesco que decidi enfrentar e que enfrentarei, até o fim, com firmeza e persistência.

Para a solução dos nossos problemas, que não são poucos nem pequenos, precisa o Governo sustentar-se na compreensão da opinião pública, no suporte e no estímulo da base política e no apoio das forças Armadas.

E porque assim é, forças que aí estão — conhecidas, visíveis, definidas — procuram solapar esses esteios e estabelecer separação entre eles, para enfraquecer toda a estrutura.

Usando de todos os ardis, conseguindo, inclusive, infiltrar-se dentro daquilo que a Nação tem de mais caro, de melhor e de mais puro

— a sua mocidade — intentam fazer voltar tudo quanto a Revolução redentora de março de 1964 tem procurado banir de nossa terra — o caos; a exploração demagógica da miséria, da fome e da doença; a inoculação de idéias e doutrinas na escola, na fábrica e no campo; a comunização da cultura e do terrorismo intelectual; o enriquecimento ilícito, a corrupção desbragada, a inflação desenfreada e, sobretudo, no que nos diz respeito mais de perto, o enfraquecimento da disciplina e da hierarquia.

Embora estes sejam conceitos, já anteriormente afirmados, deliberadamente desejei relebrá-los para reafirmar, também, que a Revolução, irreversível em seus propósitos e ideais, estará sempre vigilante para conter e derrotar essas forças malsãs.

Para a opinião pública, procuram apresentar uma imagem falsa do Governo, tachando-o de imobilista e de insensível aos problemas nacionais. O povo, porém, que normalmente é sábio e justo, não acredita nessas mentiras, pela evidência dos numerosos empreendimentos em todos os campos. Diante das reformas objetivas que aí estão em curso, como a universitária, como a da agricultura, como a administrativa. Diante das realizações concretas em rodovias, aquavias, em pontes, em reequipamento de nossa Marinha Mercante e na batalha dos fretes. Diante do nosso esforço extraordinário no Nordeste e na Amazônia. Diante da impressionante ampliação de nossa capacidade energética e da implantação de um amplo sistema de comunicações.

Procuram conturbar o nosso processo político. Mas, não terão sucesso. O nosso Partido — a ARENA — poderosamente majoritário, consciente de seus deveres para com o povo brasileiro, tem proporcionado ao Governo a base sólida de que precisa para a obtenção das leis capazes de dinamizar a vida do País.

Nem a magnífica instituição das Forças Armadas foi poupada. As Forças Armadas que têm dado admirável exemplo de seu espírito democrático, de disciplina, de civismo e desprendimento.

São as Forças Armadas de um povo que adora a liberdade e que repele o arbítrio e a violência. São as Forças Armadas de um povo que odeia os preconceitos e os privilégios, que ama a Deus e sua Pátria, mas que preza, sobretudo, a sua maneira de ser e de viver absolutamente autênticas.

Elas que participaram, ativa e ponderavelmente, dos grandes episódios da vida brasileira. Elas que sempre estiveram presentes, jamais se omitiram e nunca deixaram de cumprir com o seu dever para com a Pátria.

A Nação toda é testemunha das ofensas e das provocações irresponsáveis, já intoleráveis, que lhes são freqüentemente dirigidas pelos que parecem ignorar que elas constituem, exatamente, a garantia

maior do regime de liberdade em que vivemos, *graças, principalmente, à proteção das suas armas e da sua vocação antitotalitária.*

Essa atitude de serenidade, resultante da consciência que elas mostram ter do seu próprio dever e da sua própria força, posta a serviço da democracia, nem sempre é bem compreendido, pelos que pregam a desordem e insuflam a subversão, invocando, para isso, a proteção da própria lei, feita para defender os interesses da comunidade nacional, que deseja ordem e tranqüilidade, como fatores essenciais, ao progresso nacional.

Já disse, mais de uma vez, mas nunca será demais repeti-lo: «As Forças Armadas constituem uma das nossas classes produtoras. Produzem aquilo que mais vale, pois é a base sem a qual nada se poderia fazer de útil, ordenado e permanente — a segurança nacional. Com a segurança nacional garantida, temos a estabilidade política e social, que garantirá ao Brasil a continuidade do esforço em favor de seu desenvolvimento».

De nada valeria o trabalho dos técnicos e a nada serviriam os planos, nem o próprio esforço dos governantes se o País não estivesse tranqüilo e firme, como agora se encontra, permitindo que também trabalhem em tranqüilidade, apoiados pelos diferentes setores em que se divide e pelos quais se exprime a opinião nacional.

Na qualidade de Comandante Supremo das Forças Armadas e de velho soldado, que bem conhece e respeita a dignidade dos seus sentimentos cívicos, eu me orgulho de testemunhar o seu espírito democrático, a sua unidade de vistas, a *sua inabalável coesão na defesa das instituições e o seu entusiasmo no trabalho silencioso para a construção de um Brasil melhor e maior.*

Essa atitude das Forças Armadas é tanto mais respeitável e merecedora do apreço da Nação quanto é certo que a vida do militar é sujeita às servidões da carreira, agravadas, até agora, com as restrições do orçamento doméstico, que atingem, também, o funcionário civil, motivando a preocupação e os estudos do Governo para considerá-las, no quadro e sem prejuízo da sua orientação econômico-financeira, de modo a não colocar o problema em termos demagógicos, que o comprometam.

Mas estejam certos os nossos camaradas das Três Forças que o Governo acompanha, atentamente, a situação em que todos se encontram e sabe valorizar os sacrifícios que estão sendo feitos e tudo fará no sentido de minimizá-los.

Agradeço a solidariedade que os meus camaradas me apresentaram e a aceito, não como uma homenagem pessoal, porém uma demonstração cabal de fé e de confiança.

Senhores,

Quanto maior a confiança depositada nos chefes, maiores as responsabilidades que se lhes atribuem. Estou ciente e consciente dessa delegação.

Retribuindo à confiança e à fé que elas nos têm demonstrado, tenho fé e confiança nas Forças Armadas, que estiveram, que estão e que estarão sempre garantindo ao País os dias de segurança, condições para conquistar seus altos destinos.

Não me atemorizam as eventuais brumas que possam toldar os céus brasileiros, circunstancial e episodicamente. Creio em nossas Forças Armadas creio em nossa gente; creio no nosso amanhã.